

ERAS EM TRANSIÇÃO: ENTRE O INDIVIDUALISMO E A SOLIDARIEDADE

WAAL, Frans de

A era da empatia: lições da natureza para uma sociedade mais gentil. Tradução de Rejane Rubino. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, 389p.

POR

*Diogo da Silva Roiz*¹

Após Eric Hobsbawm ter interpretado o século XVIII e o XIX, como passagens d'*A era das Revoluções* (1997), para *A era do capital* (1996), e desta para *A era dos impérios* (1988), vislumbrando o século XX como *A era dos extremos* (1995) – inclusive em sua autobiografia *Tempos interessantes* (2002) –, e de Joshua Cooper Ramo verificar os últimos anos do XX e o início do XXI, como período de constituição d'*A era do inconcebível* (2010), Frans de Waal propõe *A era da empatia*, através da qual perscruta lições da natureza como forma de instigar a formação de uma sociedade mais gentil, neste início de século XXI.

Primatologista consagrado e professor de psicologia na Universidade de Emory, em Atlanta, nos Estados Unidos, Frans de Waal chegou a esta constatação após estudar o comportamento de chimpanzés, golfinhos, cães e elefantes, cruzando suas descobertas com o comportamento humano, inquirindo quais as possíveis aproximações e divergências que se dariam entre as espécies. Para ele, apesar de a biologia justificar a composição de princípios egoístas nas sociedades, ela também fornece subsídios para se refletir o que mantém as comunidades unidas, uma vez que estar “em sintonia, agir coordenadamente e cuidar daqueles que necessitam não são ações exclusivas da nossa espécie” (p. 10). Não por acaso, a empatia humana contaria com uma longa história, também entre as espécies.

¹ Professor dos cursos de História e de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/Amambai, Brasil. diogosr@yahoo.com.br

No campo da biologia, embora a maneira como se defina a organização da sociedade não pareça assunto deste campo de estudos, tal problemática favorece a compreensão do próprio desenvolvimento das espécies no tempo, suas mudanças e semelhanças, assim como adaptações, evoluções e transformações. Segundo o autor, “um conjunto de estudos com animais exerceu uma influência muito forte e concreta no modo como os humanos tratam uns aos outros” (p. 26). Apesar das transformações que nos separam de nossos ancestrais, e de “vivermos em cidades, cercados de carros e de computadores, permanecemos essencialmente os mesmos animais, com os mesmos desejos e as mesmas necessidades psicológicas” (p. 45).

Se a teoria evolucionista se tornou popularizada, precisamos de um outro darwinismo, não apenas para substituímos as limitações das lutas, adaptações e concorrências entre as espécies e entre os homens, mas também para nos fornecer subsídios eficazes, capazes de oferecerem alternativas até para a elaboração de uma nova conduta sociocultural entre os indivíduos. Para ele:

Se a biologia fornece alguma orientação ao governo e à sociedade, o mínimo que precisamos fazer é obter uma visão completa, abandonando a versão estereotipada formulada pelo darwinismo social e olhando para aquilo que foi verdadeiramente implementado pela evolução. Que tipo de animal somos nós? Os traços produzidos pela seleção natural são ricos e variados e incluem tendências sociais muito mais propícias ao otimismo do que geralmente se pressupõe. Na verdade, minha hipótese é de que a biologia é a nossa maior esperança. Se a humanidade de nossa sociedade dependesse dos caprichos da política, da cultura e da religião, aí sim seria o caso de sentirmos calafrios.

As ideologias vêm e vão, mas a natureza humana permanece (p. 71).

Hipótese desafiadora e polêmica sem dúvida, mas antes de a analisarmos é necessário concluir a síntese de seus argumentos. Para ele, embora sejam evidentes as diferenças entre as espécies, é necessário considerar que há semelhanças nos mais simples detalhes e nas mais complexas das tarefas entre elas também, e essa “conexidade não é nenhum segredo”. Em vista de ela ser mais visível na música, “uma forma de arte universal”, do “mesmo modo como não há nenhuma cultura humana sem linguagem, também não existe nenhuma cultura sem música” (p. 95), seus desdobramentos também são perceptíveis em outros tipos de manifestações e condutas. Como informa, a empatia, a solidariedade e o altruísmo são comuns entre as espécies, ainda que consideremos as contradições e discrepâncias nos resultados que obtivermos. Mas, a “despeito da importância das posturas e dos movimentos corporais, as expressões faciais continuam a ser a

principal via de transmissão das emoções, oferecendo a conexão mais rápida com o outro” (p. 122).

Por essa razão, não deixa de ser sempre um desafio saber se colocar no lugar do outro. Mas, “o tipo de comportamento que associamos à solidariedade deve ter surgido *antes* da solidariedade propriamente dita” (p. 139), visto ser ela comum de cães a macacos, entre pais e filhos de várias espécies, e há “evidências de altruísmo nos grandes primatas não humanos” (p. 152). Para ele:

Se parte do outro reside em nós, se nos sentimos unidos a ele como se fôssemos um só, então o ato de melhorar a vida do outro automaticamente repercute dentro de nós. E pode ser que isso não seja verdade somente em relação aos humanos. É difícil ver por que razão um macaco escolheria sistematicamente os resultados pró-sociais, em vez dos resultados egoístas, se não houvesse algo intrinsecamente recompensador em relação aos primeiros (p. 169).

Ao descortinar exemplos que vão de cães a macacos, de elefantes a golfinhos, o autor pretende oferecer um conjunto sistemático de situações que comprovem que a empatia, além de ser comum entre as espécies, fortalecendo os laços que unem os grupos, seria uma positiva evidência para demonstrar que a espécie humana também seria movida por esse tipo de vínculo social, apesar das sugestivas provas que, ao contrário, favorecerem o espírito egoísta e individualista, pois:

A despeito de vivermos numa sociedade industrializada que tem muitas camadas sociais, os sentimentos subjacentes parecem universais entre os primatas. A sociedade moderna explora sua conexão com uma longa história de formação hierárquica em que os indivíduos nas posições inferiores não apenas temem os que se encontram no topo, mas também se ressentem contra eles. Estamos sempre prontos a fazer tremer a escala social, uma herança que remonta aos ancestrais humanos que perambulavam pela savana em pequenos grupos igualitários. Como parte de seu legado, eles nos transmitiram suas reações assimétricas à injustiça, sempre mais forte nos indivíduos que têm menos do que naqueles que têm mais. Embora estes não sejam totalmente indiferentes à desigualdade, aqueles que realmente se exaltam, atirando longe a comida, são sempre os que ficaram com os vegetais insípidos, diante daqueles poucos felizardos que se regalam com as frutas adocicadas.

Robin Hood tinha mesmo razão. O que a humanidade deseja mais profundamente é a distribuição da riqueza (p. 283).

Assim, indo contra o dilema do “pau torto”, pois, não é dado a mudanças, ele indica que:

O papel da compaixão na sociedade não se limita a oferecer tempo e dinheiro para mitigar os problemas enfrentados pelos outros, mas envolve também luta por uma agenda política que reconheça a dignidade de todas as pessoas. [...] Obviamente, o meio para se alcançar esse objetivo não pode ser facilmente inferido da observação das comunidades animais e nem mesmo das sociedades em pequenas escalas. O mundo em que vivemos é infinitamente maior e mais complexo. Precisaremos recorrer à nossa capacidade intelectual altamente desenvolvida para descobrir como equilibrar os interesses individuais e coletivos numa escala como essa. [...]

Recorrer a essa capacidade inata só pode trazer benefícios a qualquer sociedade (p. 316-17).

Portanto, ao oferecer um panorama consistente dos modelos de sociabilidade das espécies, e os vínculos comuns que as unem, no que diz respeito à compaixão, a empatia, a solidariedade e o altruísmo, o autor prescreve uma visão otimista para a humanidade, ao propor uma *era de empatia*. Se o desafio consiste em saber em que medida os laços de solidariedade podem ser capazes de fazer frutificar propostas e programas sociais em prol da coletividade e não da individualidade, tal meta, evidentemente, não deixa de ter certa perspectiva utópica, apesar das evidências indicadas pelo autor sugerirem os méritos e possibilidades desse tipo de empreendimento. Dessa perspectiva, o livro é muito sugestivo, ao fornecer propostas de transformação social, por meio de um retorno aos nossos laços ancestrais de empatia e de solidariedade pelo outro, e que, aliás, não são exclusivos da espécie humana, mas comum a todos os primatas.

REFERÊNCIAS:

HOBBSAWM, Eric J. *Tempos interessantes*. Uma vida no século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)* – São Paulo: Cia das Letras, 1995.

_____. *A era dos impérios (1875-1914)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. *A era do capital (1848-1875)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. *A era das revoluções (1789-1848)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

RAMO, Joshua C. *A era do inconcebível: por que a atual desordem no mundo não deixa de nos surpreender e o que podemos fazer*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.